

## **PRÁTICAS ETNOBOTÂNICAS FEMININAS NA CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE: O CASO DE UM COLETIVO DE MULHERES ASSENTADAS**

### ***FEMALE ETHNOBOTANICAL PRACTICES IN THE CONSERVATION OF BIODIVERSITY: THE CASE OF A SETTLED RURAL WOMEN'S COLECTIVE***

**Autor(es):** Maria Emilia Gomes de Sá; Ricardo Serra Borsatto;

**Filiação:** Universidade Federal de São Carlos (UFSCar);

**E-mail:** maria.sa@estudante.ufscar.br; ricardo.borsatto@ufscar.br.

**Grupo de Trabalho (GT):** GT04 Questão ambiental, agroecologia e sustentabilidade

#### **Resumo**

A etnobotânica possui importante papel dentro das relações de gênero como ferramenta fomentadora na manutenção e transmissão dos conhecimentos tradicionais etnobotânicos femininos e, conseqüentemente, na conservação ambiental. Deste modo, a pesquisa estudou o caso da Cooperativa de Produção Plantas Medicinais (Cooplantas), formada por 30 mulheres que cultivam e processam plantas medicinais. O objetivo deste trabalho foi identificar e compreender como os conhecimentos e práticas etnobotânicas femininas de assentadas impactam na conservação da biodiversidade. A metodologia aplicada baseou-se em entrevistas semiestruturadas aplicadas às mulheres pesquisadas de forma online. E, para as análises de conteúdo e discurso, utilizou-se o software ATLAS.ti para dividir os conteúdos das entrevistas por categoria analítica. As entrevistas permitiram compreender que a organização da cooperativa é baseada em princípios de sustentabilidade advindos de uma fusão entre saberes ancestrais e saberes científicos ensinados pelo movimento, resultando em práticas de respeito e conservação dos recursos naturais.

**Palavras-chave:** Etnobotânica, mulheres rurais, Coopplantas, etnoconservação, feminismo.

#### **Abstract**

*Ethnobotany plays an important role within gender issues as a necessary tool for the maintenance and transmission of rural women's traditional knowledge and, consequently, in the conservation of biodiversity. This way, the research focused on the case of the Cooperativa de Produção de Plantas Medicinais (Cooplantas), formed by 30 women that cultivate and process medicinal plants. The objective of this work is to identify and understand how the ethnobotanical practices and knowledge of rural women affects the conservation of biodiversity. The applied methodology is based on online semi structured interviews. Using the ATLAS.ti software, the data analysis was constructed based on analytical categories. The interviews allowed us to understand that the Coopplantas' organization is based on sustainability principles that originated from a merger between ancestral and scientific knowledge, resulting in practices of respect and environmental conservation.*

**Key words:** Ethnobotany, rural women, Coopplantas, ethno-conservation, feminism.

### **1. Introdução**

A etnobotânica compreende o estudo das relações existentes entre comunidades tradicionais e as plantas, bem como seus usos e as investigações de novos recursos vegetais (MACENA; VILA, 2020). Ao se dedicar ao estudo das interações seres humanos/plantas, a etnobotânica consegue entender e resgatar saberes e hábitos tradicionais, sejam eles alimentares, ornamentais, de construção e até mesmo de cura, além de enxergar os valores culturais e socioeconômicos que os recursos vegetais carregam dentro de comunidades específicas (VIEIRA; MILWARD-DE-AZEVEDO, 2018).

Esses valores são importantes, pois dão ao meio ambiente uma visão diferente do que é atribuído por comunidades urbanas, as quais priorizam o valor de troca em detrimento do valor de uso. Isto resulta no uso consciente dos recursos naturais e, conseqüentemente, na preservação ambiental (CUNNINGHAM, 2001).



A etnobotânica também tem papel fundamental quando se trata das relações de gênero na agricultura, uma vez que, historicamente, as mulheres têm seus conhecimentos direcionados ao cuidar da saúde da família (VIU; VIU; CAMPOS, 2010). Assim, suas relações com o uso das plantas medicinais foram se aperfeiçoando no decorrer do tempo e o gênero feminino passou a deter maior parte dos conhecimentos a respeito do seu manuseio e utilidades. Dentro desse contexto, as mulheres passaram a representar um elo fundamental na manutenção e transmissão desses saberes e, hoje são, de acordo com Vieira e Milward-de-Azevedo Azevedo (2018), as principais agentes provedoras dos saberes tradicionais etnobotânicos.

Entretanto, apesar de haver um consenso que considera as camponesas essenciais no gerenciamento dos fluxos de biomassa, na proteção da biodiversidade e domesticação e conhecimento das plantas, a mulher rural não é devidamente reconhecida, pelo contrário, ela é desvalorizada no espaço social (SACHS, 2018). Por conta disso, a luta feminina percorreu e ainda percorre um caminho na busca por voz e visibilidade. No início dos anos 80, por exemplo, com movimentos e reivindicações próprias, essas mulheres começavam a aparecer publicamente como sujeitos, não só sociais, mas políticos, porém com dificuldades em conciliar trabalho e família (SILIPRANDI, 2009).

Por volta dos anos 2000, por meio dos movimentos sociais do campo e experiências relacionadas ao movimento agroecológico, as mulheres agricultoras passaram a lutar ainda mais pela ampliação dos seus espaços de atuação. Siliprandi (2009) afirma que “Para muitas [dessas mulheres] a militância agroecológica foi o espaço onde se deu o seu aprendizado político”. Assim, suas lutas foram vinculadas tanto às questões feministas quanto às questões ambientalistas, considerando que o sistema de produção agroecológico valoriza além das atividades produtivas executadas por mulheres, o cuidado com o meio ambiente (PETERSEN, 2009).

Hoje, a luta ainda é constante. As mulheres correspondem a 46% da população dos assentamentos rurais e, apesar de serem essenciais para as atividades produtivas, somente 15% dos lotes possuem mulheres como titulares principais (VASQUEZ, 2009). Esses números se repetem com frequência nos espaços de atuação da mulher rural, cerca de 55% delas, por exemplo, não obtêm rendimento das lavouras, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2002). Os dados deixam claro que apesar de todo seu conhecimento, as mulheres ainda são colocadas de lado em diversas questões.

Assim, é importante reafirmar que os conhecimentos etnobotânicos, além de serem uma forma de benefício à qualidade de vida, são uma porta de entrada para a politização e conscientização das mulheres, dando relevância e reafirmando o papel da mulher rural, e, consequentemente, contribuindo para a conservação dos recursos ambientais (VIEIRA; MILWARD-DE-AZEVEDO, 2018). De acordo com Howard (2003), “entender a influência da mulher na biodiversidade de vegetais é essencial para a nossa habilidade de conservar recursos genéticos da flora, especialmente das plantas que são úteis à espécie humana”. A Convenção da Diversidade Biológica evidencia essa importância (BRASIL, 1994): “... reconhecendo o papel fundamental da mulher na conservação e na utilização sustentável da diversidade biológica, afirmando a necessidade de sua plena participação em todos os níveis de formulação e execução de políticas para a conservação da diversidade biológica”.

Dentro deste contexto, a pesquisa ora proposta tem como objetivo identificar e compreender como conhecimentos etnobotânicos sobre plantas medicinais podem servir como ferramenta para a conservação da biodiversidade bem como analisar o protagonismo da mulher nesses processos. Para tanto, a pesquisa estudou o caso da cooperativa Coopplantas, formada por um grupo de 30 mulheres assentadas que cultivam e processam plantas medicinais.

## 2. Metodologia

A pesquisa foi realizada com mulheres participantes da Coopplantas. A Coopplantas tem sua sede no assentamento da Fazenda Pirituba, localizado entre os municípios de Itaberá e Itapeva, sudoeste do estado de São Paulo. A área em questão foi ocupada, a partir da década de 1980, por centenas de famílias camponesas na luta pela reforma agrária organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Hoje, o espaço é dividido em seis assentamentos, denominados agrovilas, nos quais vivem mais de duzentas famílias de agricultores. Em um desses assentamentos está a sede da cooperativa Coopplantas, que em 15 hectares realiza a produção de plantas medicinais em sistemas agroflorestais (SAF's).

Devido a pandemia do Covid-19 e, então, visando zelar pela saúde dos pesquisadores e das entrevistadas, a coleta de dados foi realizada de forma online através de entrevistas semiestruturadas com sete participantes da cooperativa, que foram divididas em três grupos. Nesse período, foi possível compreender com profundidade as relações das mulheres estudadas com seus sistemas de produção. As percepções foram sendo anotadas em um documento online e serviram como subsídios para as análises e conclusões da pesquisa.

A partir de categorias analíticas pré-estabelecidas, foi estabelecido um roteiro de entrevista alinhado com os objetivos da pesquisa. O roteiro de entrevista foi organizado em um mapa mental que levou em conta 5 categorias analíticas: a) operacionalidade, b) conservação da biodiversidade, c) ancestralidade, d) divisão sexual do trabalho, e) invisibilidade.

Quanto à análise dos dados, as entrevistas realizadas com as cooperadas foram gravadas e transcritas em um documento online. E, para as análises de conteúdo e discurso, utilizou-se o software ATLAS.ti para dividir os conteúdos das entrevistas por categoria analítica. As informações extraídas das entrevistas foram então trianguladas com pesquisas bibliográficas para confirmar sua consistência e adensar as análises.

Por razões éticas, para preservação de identidade, os pesquisadores optaram por substituir todos os nomes reais das entrevistadas participantes da Coopplantas por nomes fictícios.

## 3. Resultados e discussão

### Coopplantas: mulheres unidas cultivando saúde

Para compreender a importância dos conhecimentos e saberes acerca de plantas medicinais das trabalhadoras da Coopplantas para a biodiversidade, é necessário entender o que é a Cooperativa de Produção de Plantas Medicinais (Coopplantas) e como se dá sua operacionalidade. Sendo possível, a partir disso, compreender como ocorreu e ainda ocorre a construção e organização dos espaços de luta.

A Cooperativa de Produção de Plantas Medicinais teve sua origem na década de 1990, por um grupo de 68 mulheres moradoras do assentamento rural Pirituba II, localizado no município de Itapeva- SP. Na época em questão, estava ocorrendo o processo de ocupação de uma área que viria a ser destinada a um projeto de reforma agrária que visava assentar famílias de agricultores e, por conta das condições precárias em que se encontravam as famílias acampadas, as mulheres passaram a se reunir para auxiliarem nas necessidades básicas da comunidade, como segurança, educação, alimentação e saúde. Devido à propagação contínua de doenças em meio a comunidade, foi criada uma comissão exclusiva para a saúde, composta apenas por mulheres, que foram auxiliadas com o fornecimento de medicamentos pela Pastoral da Saúde do município de Itaberá (FERRO, 2015; CHECHETTO et al., 2017).

Uma pomada que curava feridas e inflamações de pele, que era produzida por uma freira participante da Pastoral da Saúde, despertou o interesse das mulheres pela produção de



remédios naturais. Elas começaram a discutir sobre os fitomedicamentos e suas propriedades terapêuticas, aprendendo técnicas de uso, cultivo e manipulação (FERRO, 2015).

Como a desnutrição era recorrente na região, as assentadas também desenvolveram uma multimistura vitamínica que fortalecia o sistema imunológico. Passaram a fabricar também geléias anti-inflamatórias para auxiliar na cura de verminoses, e xaropes com base em plantas medicinais para tratar enfermidades diversas. Assim, com a alta demanda da comunidade pelos remédios caseiros e, conseqüentemente, o aumento da produção, eles passaram a ser distribuídos gratuitamente para as famílias vizinhas (FERRO, 2015).

As relações dos moradores da comunidade com os remédios naturais foram se intensificando e construiu-se um valor simbólico entre eles. Esses vínculos auxiliam também no reconhecimento das mulheres rurais como detentoras de conhecimentos importantes para a manutenção da saúde da comunidade rural, além de resgatar a utilização das plantas medicinais, que de acordo com Ferro (2015) “é o resgate de um patrimônio cultural local”.

A partir disso, com muito estudo, conhecimento e prática, a Cooperativa foi formalizada em 2009, pensando na possibilidade e facilidade legislativa, além de possibilitar a arrecadação de recursos via projetos para o financiamento dos trabalhos realizados pelas mulheres. Atualmente, a Coopplantas é organizada em grupos de trabalho que se dividem nas tarefas de cultivar, processar e comercializar plantas medicinais, para suprir demandas empresariais e as necessidades básicas de saúde da população rural. Para isso, elas contam com mais de 100 espécies de plantas medicinais e se organizam em 2 setores principais: setor de produção e setor de comercialização/administração.

Pelo setor de produção é realizado o plantio das plantas medicinais, a colheita, secagem, processamento e embalagem do produto final, ocorrendo de acordo com a demanda dos produtos pelo mercado. Desta forma, a organização produtiva da cooperativa é flexível, sendo condicionada pelos pedidos que a cooperativa recebe de seus clientes.

O plantio é realizado em três áreas do assentamento, todas elas agroflorestais e biodinâmicas certificadas, sendo que em todas são realizadas a preparação do solo com maquinário, adubação verde, uso de esterco e preparado biodinâmico, além de rotação de culturas e consórcio.

Na etapa da comercialização, existem dois mercados em que a cooperativa fornece seus produtos: o mercado institucional, através do Sistema Único de Saúde (SUS) e o mercado privado, no qual comercializam seus produtos em feiras e para empresas. As plantas secas são vendidas, por exemplo, para laboratórios em Ribeirão Preto, São Paulo, Minas Gerais e Curitiba. Além das plantas desidratadas, a cooperativa também tem uma alta demanda para o gel de babosa e produz de 8 a 10 mil quilos do produto todo ano. Hoje, o mercado privado, por ser um espaço aberto que permite que a Coopplantas produza de acordo com as demandas, é mais compensatório em termos de renda e valorização do trabalho.

Já no mercado institucional, a Coopplantas fornece os medicamentos para o SUS do município gratuitamente desde 2012, quando foi elaborado e desenvolvido o projeto “Fortalecer o Desenvolvimento Tecnológico em Fitoterápicos e Fornecimento de Plantas Medicinais de interesse no SUS (RENASUS) em Itapeva – SP” em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde de Itapeva, o Instituto de Tecnologia em Fármacos (FARMANGUINHOS/FIOCRUZ), o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), além de outros parceiros, como a Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT que integrou-se ao projeto em 2014. Hoje são fornecidos pela cooperativa 22 espécies vegetais para o SUS. Entretanto, a cooperativa luta para que se consiga romper a burocracia e que a prefeitura de Itapeva possa comprar as plantas medicinais dos agricultores familiares, os valorizando e gerando renda.

Além disso, a Cooperativa de Produção de Plantas Medicinais possui forte atuação dentro do setor institucional. Atualmente, por exemplo, com base na realização e discussão feita para o município e pela a cooperativa, há uma legislação em Itapeva para produção de fitoterápicos e outras terapias. Esses avanços na esfera pública fortalecem o objetivo da cooperativa de disseminar os conhecimentos etnobotânicos com base nas práticas agroecológicas.

“Então, isso são avanços que a gente não percebe com o passar dos anos, mas a Coopplantas tem grande função aqui no território e tem outras possibilidades que estão por vir. E isso está desencadeando toda uma discussão aqui no território, nos assentamentos.” (Elisa, cooperada)

Isso enfatiza que a preparação dos fitomedicamentos, sempre esteve presente na cooperativa como forma de ajudar e manter a saúde comunidade do assentamento. Ana, uma integrante da cooperativa, lembra e afirma que, desde sua origem, a Coopplantas atua com objetivos de caráter social, visando o bem-estar das pessoas:

“A Coopplantas sempre foi social e ela é social! Desde o início a gente pensou no bem estar de todos. Era tudo de graça o que fazíamos. A gente era um grupo muito grande e queríamos cuidar da saúde e aprender.” (Ana, cooperada)

Assim, esse grupo de mulheres, que optou por produzir plantas medicinais, além da produção de comida de verdade, mostra que é possível produzir agroecologicamente dentro de um espaço dominado pelo monocultivo. Tudo isso priorizando a saúde da população e a conservação dos recursos naturais.

### **Ancestralidade como instrumento na construção e manutenção de saberes**

As ancestralidades detêm um importante papel para a construção e manutenção dos saberes. Dentro da Coopplantas isso não é diferente. A partir das entrevistas realizadas, foi possível perceber que as sabedorias e práticas que as assentadas da Coopplantas detêm acerca das plantas medicinais são uma herança cultural, passada de geração em geração. Todas elas recordam e mencionam seus antepassados e suas relações com as ervas medicinais. Silvana relata:

“A avó e a mãe eram as rainhas do benzimento e do chá. Então quando eu fui convidada para participar do grupo, lá no início, eu conhecia um pouco pela minha avó, pelos chás, pelo benzimento, e isso é um resgate que veio da família, também pelos vizinhos e conhecidos. Tinha muito raizeiros, eles faziam ervas e a gente sempre teve proximidade.” (Silvana, cooperada)

A menção aos benzimentos e remédios caseiros foi um ponto em comum trazido por todas as entrevistadas. Elas comentam que seus familiares tinham o costume de recorrer ao benzimento e aos chás quando algum problema de saúde surgia na família e na comunidade:

“Minha avó também era assim. Era o tempo inteiro remédio caseiro. Minha vó era benzedeira, benzia as crianças. Isso vem lá de longe né. Minha mãe também curava a gente só com os remédios caseiros, para lombriga, dor de barriga, então a gente já vem aprendendo de longe, de geração em geração. Minha vó benzeu muita gente, fazia remédio, garrafada. Isso já vem de longe.” (Renata, cooperada)

Todos os relatos e histórias contadas pelas participantes da Coopplantas reforçam a conexão e o aprendizado que estão contidos nas tradições das comunidades rurais. Os saberes

acerca das plantas medicinais foram passados através das gerações, que se materializam hoje nos trabalhos e nas vidas das mulheres rurais.

Juntamente com a ancestralidade, o movimento da cooperativa trouxe e reforçou diversos conhecimentos etnobotânicos para essas mulheres, já que através de cursos, capacitações, encontros e leituras, elas puderam aperfeiçoá-los. Todas elas afirmam que seus saberes foram adquiridos através de uma fusão entre suas ancestralidades e o movimento: “A gente tem muito esses conhecimentos dos pais e avós, mas depois que eu entrei na Coopplantas, eu aprendi mais.” (Silvana, cooperada)

Essa integração de conhecimentos também foi mencionada e reconhecida em uma das entrevistas como um forte aspecto trazido pelo movimento agroecológico:

“Mas ancestralidade para nós, a reza, os medicamentos, as plantas medicinais como nosso próprio remédio, como nosso próprio alimento, as pancas que hoje estão em alta, por exemplo, foram as plantas que nos socorriam em momentos de dificuldades...então quando tínhamos dificuldades de comprar outros produtos as famílias usavam isso... era beldroega, era serralha, caruru, várias outras plantas que temos hoje no quintal... até os brotos de picão. E hoje nós estamos voltando a usar isso. Então isso o movimento agroecológico facilitou para nós, saber que temos a possibilidade de produzir nosso próprio remédio, nosso alimento e cuidar do solo para que isso cada vez mais vá gerando qualidade e saúde, humana e dos agroecossistemas.” (Elisa, cooperada)

Nesse cenário, tem-se então a ancestralidade como importante fonte de conhecimentos etnobotânicos. A participação das cooperadas em processos formativos em agroecologia valoriza o papel da ancestralidade que entre os princípios agroecológicos está o reconhecimento dos saberes tradicionais. Assim, as agricultoras promovem um processo de diálogo de saberes entre conhecimentos tradicionais e científicos, valorizando e fortalecendo seus conhecimentos e passando-os adiante.

### **Mulheres rurais: as maiores especialistas em biodiversidade do mundo**

Vandana Shiva (2016) afirma que as mulheres são as “especialistas em biodiversidade do mundo”, são elas que produzem mais da metade do alimento do mundo e garantem mais de 80% das necessidades alimentares em regiões de insegurança alimentar. Tudo isso através de valores culturais de respeito ao meio ambiente e em contraposição ao sistema global alimentar vigente, o agronegócio.

A análise das entrevistas realizadas na Coopplantas e a revisão bibliográfica de outros trabalhos sobre a cooperativa, evidenciam que a conservação da biodiversidade é essencial dentro da organização. O cuidado com o solo, a forma de agricultura estabelecida e a rica biodiversidade de espécies vegetais são alguns indícios disso.

O solo utilizado para o plantio na cooperativa requer bastante cuidado. As assentadas relatam que antes do assentamento, o local de produção era uma área de monocultura, com muita erosão e difícil de trabalhar. Por conta disso, elas realizaram um longo processo de recuperação do solo, que demorou mais de dois anos. Nesse processo, elas crescentemente adotaram princípios e processos agroecológicos na área de produção, como, por exemplo, rotação de culturas, manutenção da cobertura vegetal do solo, alta variedade de espécies plantadas em consórcio, incorporação de matéria orgânica ao solo, uso de preparados biodinâmicos, etc. O uso de adubos e pesticidas sintéticos foram abolidos. Hoje, elas ainda enfrentam algumas dificuldades, já que no entorno do local as plantações de soja, trigo e milho ainda ocorrem em monocultura, com uso de agrotóxicos. Por conta disso, as mulheres

plantaram uma cerca viva ao redor de suas áreas de produção como forma de impedir que as áreas de cultivo sejam contaminada por agrotóxicos.

“A gente teve que começar tudo de novo. A gente era orientada a manter o solo bem úmido. A gente tratou da terra para manter ela boa. A terra aqui é bem tratada...A fazenda Pirituba é terra de cerrado, mas é terra boa, terra tratada. O pessoal que planta no entorno usa muito veneno, planta soja, trigo, milho e a gente tem que fazer cerca viva no local que a gente planta. Também fazemos rotação de cultura para a terra não ficar fraca e aqui na agrovila onde tem plantio, a gente faz cobertura morta e mantém a umidade da terra.” (Fátima, cooperada)

Além do cuidado com solo e da forma de agricultura praticada, foi possível perceber que há uma rica biodiversidade de espécies vegetais no local. A cooperativa conta com mais de 100 espécies de plantas nas áreas cultivadas, como babosa, camomila, guaco, melissa, alecrim, arruda, capim limão, calêndula, hortelã e diversas outras. A aquisição e manutenção dessas espécies se dá através de muita troca, conhecimento e cuidado. As assentadas comentam que as sementes e mudas são todas retiradas da própria Coopplantas e dos quintais das trabalhadoras, além de já terem realizado diversas trocas de sementes e mudas através da participação em encontros agrofloreais.

Para além da rica biodiversidade existente nos espaços produtivos da cooperativa, também é possível relatar que o mesmo acontece nos próprios quintais das assentadas. Nos lotes dessas mulheres, que é o espaço no entorno da moradia, tem muita horta, fruta e uma rica diversidade de plantas alimentícias e medicinais. Nesses espaços, dominados pelas mulheres, se produz alimentos saudáveis, de qualidade e sem uso de agrotóxicos: “Nós não utilizamos agrotóxicos porque queremos qualidade de vida” (Elisa, cooperada)

Desta forma, mesmo o que falta no matizeiro da cooperativa, é cultivado nos lotes das mulheres rurais. E, com as trocas de mudas constantes que ocorrem nos espaços cotidianos do assentamento, é possível reproduzir as espécies vegetais:

“A gente ao longo desses anos tem feito muita troca de mudas. Então eu vou na casa da fulana, se ela tem 3 variedades lá e eu tenho uma variedade que ela precisa, a gente troca. Eu troquei mudas semana passada por exemplo, eu trouxe lá de Tatuí mudas que eu não tinha mais por aqui, eu trouxe uma planta que não tínhamos há muitos anos na nossa horta e hoje já temos no viveiro. Então eu trouxe para as meninas, elas plantaram lá, eu plantei aqui, dei para outras pessoas plantarem também, porque assim a gente vai reproduzindo essas espécies.” (Elisa, cooperada)

De acordo com Fernandes (2017), as trocas de sementes “são espaços de intercâmbio de recursos genéticos e de seus conhecimentos associados. Essas trocas são, antes de tudo, uma forma de conservação desses materiais (conservação *in situ* ou *on farm*).” Desta forma, ao manter as variedades de diferentes espécies de sementes em circulação, essas mulheres criam uma segurança frente à erosão genética na região (ELETO, CARDOSO & ALMEIDA, 2020).

Apesar disso, o trabalho com a Agroecologia que se dá na cooperativa não é tarefa fácil. Trabalhar uma forma de agricultura ética, sustentável, rentável e socialmente justa dentro dos espaços de atuação do capitalismo, onde atua o agronegócio, é um grande desafio. Elisa, aponta algumas das dificuldades do trabalho da cooperativa em uma região marcada pelo cultivo de grandes monoculturas.

“Para nós, trabalhar agroecologia foi um grande desafio durante esses anos. Nós tivemos áreas que foram pulverizadas, que perdemos a certificação. Na agrovila 4 nós tínhamos uma área de 3 alqueires e nós perdemos a certificação porque foi pulverizada



com agrotóxico, levantaram o braço da máquina e aplicaram o agrotóxico em toda a nossa área de cerca viva, matando uma parte. Nós já tivemos áreas que foram incendiadas. Nosso matizeiro foi incendiado e perdemos matizeiros de mais de 20 anos. Nós já tivemos a cooperativa que foi roubada por 3 vezes seguidas durante o ano.” (Elisa, cooperada)

Por conta disso, as mulheres rurais buscam áreas de plantação que sofram o menor impacto possível de influências externas para trabalhar com a agroecologia e produção orgânica de forma segura e responsável.

### **Divisão sexual do trabalho, sobrecarga e desvalorização do trabalho da mulher rural**

Além de constituírem um espaço de movimento feminista e agroecológico dentro do pensamento econômico dominante, as mulheres trabalhadoras da Coopplantas ainda precisam lidar com a divisão sexual do trabalho, criação ideológica e cultural que reflete até os dias de hoje nos trabalhos das mulheres urbanas e rurais. A divisão sexual do trabalho, que separa e hierarquiza os trabalhos de acordo com o gênero, coloca a mulher em espaço privado e a relega ao trabalho reprodutivo, menos valorizado socialmente. Essa divisão, de acordo com NOBRE et al.(2012), “permite a subordinação e desvalorização do trabalho que tem sido atribuído historicamente e culturalmente às mulheres”.

Assim, a divisão dos trabalhos produtivos e reprodutivos de acordo com o sexo e a desvalorização deste último reflete em uma sobrecarga de trabalho para as mulheres, já que, de acordo com Guedes e Souza (2016), “A ausência ou pouca presença de mecanismos conciliadores das tarefas domésticas e o trabalho remunerado leva a uma sobrecarga laboral que pode ser considerada injusta para as mulheres, uma vez que por conta própria elas precisam mediar o trabalho pago com o não pago.”

Elisa, participante da cooperativa, afirma que para muitas das mulheres rurais participantes da Coopplantas a sobrecarga de trabalho é uma realidade:

“Elas acordam, fazem o almoço dos filhos, colocam as roupas para bater, vão tratar das criações, molhar a horta, vão para cooperativa, desenvolvem as tarefas lá, voltam e aí tem todas as tarefas novamente...os filhos que chegaram da escola, a janta que tem para fazer, e assim por diante. Então o acúmulo de atividades da tripla ou mais jornada de trabalho dessas mulheres, faz com que isso para elas seja uma tarefa que, elas falam que desenvolvem com muito amor, mas que a gente sabe que é muito árdua também.” (Elisa, cooperada)

De acordo com Costa, Dimenstein & Leite (2014), as mulheres rurais “têm uma "tripla jornada de trabalho", trabalho esse que muitas vezes é "invisível" e que as sobrecarregam”, já que, quando se trata da esfera doméstica, os trabalhos das mulheres rurais garantem a reprodução social e o bem-estar dos membros da família.

O trabalho rural [feminino] ocorre em uma jornada contínua, do amanhecer até tarde da noite, sem tempo para lazer e para si. O espaço também é pouco separado entre a casa e o quintal, muitas vezes sem distinção entre o que é espaço doméstico e aquele destinado ao trabalho produtivo, o que faz com que a sobrecarga de trabalho seja muito maior que a dos homens, muito embora o reconhecimento social como trabalhadora seja bem menor e os ganhos, em termos de renda, mais reduzidos ainda (Silva, 2011, p. 108).

A partir das entrevistas é possível perceber que todas as mulheres relatam que o trabalho é intenso e cansativo, porém ao final da frase sempre vem algo positivo relacionado ao prazer

de trabalhar com as plantas medicinais e com as suas companheiras de luta. Para elas, mexer com as plantas significa alívio, distração e prazer:

“Dependendo do serviço que você vai fazer é muito cansativo, você chega em casa cansada e ainda chega e tem que fazer tudo, você não pode descansar né. Só descansa a noite, na hora de dormir. Aí levanta de manhã e começa tudo de novo, mas é gostoso...A gente acaba também se distraindo junto com as companheiras, todo dia ali.”

Para Marques et al. (2015), a sobrecarga de trabalho que acomete as mulheres do campo recai no bem-estar, tempo e desenvolvimento delas próprias, que acabam em último plano.

Além disso, outra questão de desigualdade de gênero que acomete as mulheres do campo é a desvalorização dos seus trabalhos, o machismo e a invisibilidade nos espaços políticos e sociais.

Todas as integrantes entrevistadas da Coopplantas afirmam que acreditam que seus trabalhos deveriam ser mais valorizados. Elas comentam que pelo fato de ser um trabalho realizado por mulheres, há muito preconceito e machismo na comunidade, o que acaba dificultando e desvalorizando o movimento.

“A gente sofreu muito esses tempos atrás com muito preconceito. Mas a gente vai quebrando né. A gente não pode parar por conta disso. Uma ajuda a outra e a gente vai levando. Mas ainda existe muito preconceito, desigualdade entre homens e mulheres aqui no nosso assentamento, e isso sobrecarrega a cooperativa porque a gente luta sozinha. A gente luta porque é bom, é uma coisa que a gente quer, é um propósito nosso, a cooperativa para mim é um sonho e eu ainda pretendo realizar muitas coisas com ela. Então é um sonho, eu sonho esse sonho, então eu quero que quebre essa barreira.” (Silvana, cooperada).

Uma forte evidência de como o machismo dificulta o trabalho das mulheres rurais é visto no dia-a-dia. Quando elas precisam de algum maquinário para realizar os plantios, por exemplo, o valor sai mais alto.

“Até mesmo quando depende de passar um trator ou fazer alguma coisa para nós, é difícil conseguir maquinário. Às vezes eles cobram até mais caro por ser para as mulheres. Quando é um homem que vai fazer algum serviço eles já vão na hora né. E para nós já é mais difícil de conseguir, mesmo pagando.” (Paula, cooperada)

“Nós temos dificuldades quando a gente depende de algumas organizações internas aqui apenas por ser um grupo de mulheres que atua...então hoje nós temos dificuldades com nossos próprios maridos ainda. É um processo longo... nós ainda trazemos esses resquícios arcaicos desse preconceito que impedem as mulheres de avançarem dentro do movimento agroecológico. Então experiências como essas servem para mostrar que mesmo com todas as dificuldades, o grupo de mulheres conseguiu sobreviver e está conseguindo fornecer hoje 22 plantas para o SUS. Então esse grupo, com um trabalho que às vezes parece irrelevante, faz um trabalho de grande importância dentro do território.” (Elisa, cooperada)

Além desses indícios, os trabalhos realizados na Coopplantas não geram renda significativa para as mulheres que o fazem. Elas relatam que a renda é pequena e grande parte dela acaba sendo utilizada para pagar os gastos da própria cooperativa. Apesar disso, elas sempre idealizam um futuro melhor:

“A renda ainda é complementar. A gente ainda não tá no patamar que queria. Cada dia é uma conquista, é uma barreira que a gente derruba, mas o nosso desejo é trabalhar só com isso, tirar uma renda boa. E é com trabalho né, dia-a-dia, uma segurando na mão da outra, união, e é com isso que a gente vai conseguir se levantar.” (Silvana, cooperada)

Por mais que exista uma importância política por trás dos trabalhos realizados pelas mulheres na cooperativa, o retorno econômico ainda é pequeno e não há nada que facilite o processo de comercialização delas. O mercado institucional, que é um meio de tornar as plantas medicinais e os fitoterápicos acessíveis, não garante a compra dos produtos:

“Hoje nós não temos política pública que possa facilitar um planejamento com os agricultores, que tenha um valor estabelecido de garantia de venda. Hoje infelizmente no Brasil não existe isso. Mas a gente vai criando as condições, superando as dificuldades e buscando caminhos alternativos e complementares para conseguir sobreviver nesse espaço.” (Elisa, cooperada)

Desta forma, pode-se afirmar que a questão de gênero permeia a vida dessas mulheres e deixa evidente a assimetria que existe na organização social baseada na divisão sexual do trabalho. Essas relações estabelecidas entre homens e mulheres cria desigualdades, tornando o trabalho das mulheres rurais invisível e sobrecarregado.

Apesar dessas questões, é possível perceber que a Coopplantas atua de diversas formas na vida dessas mulheres. Espaços como a Coopplantas reconhecem, empoderam e fortalecem as lutas das assentadas, seja pelos ensinamentos, laços, ou como ponte para a reflexão sobre política e questões de gênero. De acordo com Siliprandi (2009), a prática da agricultura agroecológica, que é realizada nesses ambientes, "ao mesmo tempo em que resgata a autoestima, permite estabelecer laços de cooperação e solidariedade destes grupos de mulheres e ainda entre os demais grupos sociais.”

Para as trabalhadoras rurais do movimento, por exemplo, a Coopplantas vai muito além da sua definição. Para Ana, a Coopplantas pode ser definida como um meio de liberdade, já que no início do movimento as mulheres eram invisibilizadas e não tinham voz. A Coopplantas, para ela, é vista como liberdade pois permite diálogo e dá voz para as mulheres.

De acordo com Marques (2015), o trabalho com as plantas medicinais e remédios pode ser relacionado à liberdade, uma vez que nesses espaços passam a ocorrer também questionamentos ao uso de agrotóxicos, à indústria farmacêutica e à estrutura familiar estabelecida, por exemplo. Isso demonstra que esses locais dialogam e geram vínculo com as assentadas.

Para Silvana e outras mulheres, a Coopplantas tem um significado relacionado também à família. Elas afirmam que a Coopplantas é tudo na vida delas:

“Trabalho na Coopplantas já faz bem tempo e a Coopplantas para mim significa tudo na verdade, porque a gente começou desde lá atrás. A gente juntou todo mundo e com muito esforço estamos aqui. A Cooperativa é tudo. É família, trabalho, liberdade. É tudo. A gente vai trabalhando todo mundo junto e vira uma família. Então eu tenho 2 famílias, a minha mesmo e a Coopplantas. Então a Coopplantas para mim é uma família.” (Silvana, cooperada)

Além dos laços criados e do empoderamento feminino, o coletivo foi mencionado como espaço de conhecimento e politização da mulher. Rose, uma das integrantes que está a mais tempo na cooperativa, afirma:



“Eu acho que quando a gente montou em 1992 os grupos de mulheres. Na época montamos porque a gente precisava do remédio na época do acampamento. Aí a gente se organizou e montou os grupos. Depois, com o passar do tempo, a gente trabalhou querendo contribuir com a família financeiramente, e ajudar a comunidade, os assentamentos. Aí em 2009 organizamos e montamos a Cooperativa com 32 mulheres. A proposta da Cooperativa foi mudando, mudando o jeito de trabalhar e isso foi um esclarecimento para as mulheres. Foi um esclarecimento político, uma conquista. Elas ganharam esse conhecimento político. Hoje elas são politizadas. Elas ganharam conhecimento de plantas medicinais, vieram vários cursos para a gente. Isso é uma coisa que ninguém tira, o conhecimento está na nossa cabeça e ninguém tira. As mulheres ficam muito esclarecidas a respeito das plantas medicinais, e sai um pouco fora da farmácia, que é o capitalismo que traz. Então se a gente conquistar a sabedoria, todas nós, essa sabedoria fica para nós e nós ensinamos para os outros.” (Rose, cooperada)

#### 4. Considerações finais

As entrevistas permitiram compreender que os trabalhos desenvolvidos pelo movimento são de extrema importância dentro do território, e vão além da promoção da saúde com as plantas medicinais. A organização da cooperativa é pautada em valores imateriais e orgânicos, sendo que uso, cultivo e processamento das plantas medicinais advêm de uma fusão entre saberes ancestrais e saberes científicos ensinados pelo movimento, resultando em práticas de respeito e conservação dos recursos naturais. Tais práticas, então, são essenciais para a conservação da biodiversidade, uma vez que elas mantêm a riqueza e conservação dos solos, da agrobiodiversidade, realizam a manutenção, a continuidade evolutiva e o incremento genético de espécies vegetais, além de assegurar a constante produção de alimentos e medicinas diversificadas, seguras e de qualidade.

Essa forma de conservação, também conhecida como *in situ* ou *on farm*, se dá na Coopplantas através do cultivo de plantas medicinais e a forma como ele ocorre, isto é, em produções agroecológicas, biodinâmicas e orgânicas, com princípios éticos, culturais, sociais, econômicos, políticos e ambientais.

No entanto, não há como negar os impactos do pensamento econômico dominante nos trabalhos dessas mulheres. Além da lógica do mercado na agricultura, que dificulta cotidianamente os trabalhos delas, a divisão sexual do trabalho também resulta em sobrecargas que refletem em vários aspectos das suas vidas. Seja nos trabalhos produtivos, com tratamento desigual no campo quando o valor do maquinário sai mais caro para elas, com o ateamto de fogo e a pulverização em seus espaços produtivos e com a baixa renda, seja nos trabalhos reprodutivos, com a tripla jornada de trabalho.

Mesmo com todas as dificuldades que colocam as mulheres rurais em um lugar de inferioridade e desvalorização, as mulheres assentadas participantes da cooperativa se mostraram resistentes e, sobretudo, resilientes, superando cotidianamente as relações machistas e dando continuidade a um objetivo maior. Essa rede, que significa liberdade e família para suas integrantes, atua quebrando barreiras e realizando conquistas em prol da comunidade.

#### 5. Referências bibliográficas

BRASIL. Decreto-lei nº 2, de 3 de fevereiro de 1994. Convenção sobre Diversidade Biológica.

CHECHETTO, F. et al. Integração de conhecimentos em plantas medicinais na perspectiva de gênero e abordagem transdisciplinar em busca de sustentabilidade: a 163 experiência do arranjo produtivo local de Itapeva. **Revista Fitos**, v. 11, n. 1, p. 82-91, 2017.

COSTA, M. .G S. G.; DIMENSTEIN, M. D. B.; LEITE, J. F. Condições de vida, gênero e saúde mental entre trabalhadoras rurais assentadas. **Estudos de psicologia (natal)**, v. 19, p. 145-154, 2014.

CUNNINGHAM, A. B. **Applied ethnobotany: people, wild plant use and conservation**. 1. ed. Londres: Routledge, 2001. 320 p. ISBN 9781849776073.

ELETO, Y. M.; CARDOSO, I. M.; DE ALMEIDA, N. C. As sementes crioulas, os tesouros escondidos nos agroecossistemas familiares. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

FERNANDES, G. B. Sementes Crioulas, Varietais e Orgânicas para a Agricultura Familiar: Da exceção Legal à Política Pública. **AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia**, p. 327–358, 2017.

FERRO, G. Cultivando a saúde: uma história de mulheres e fitomedicamentos num assentamento do MST no estado de São Paulo. **Revista Fitos**. Rio de Janeiro, v.9, n.1, p. 29-35, 2015.

HOWARD, P. The Major Importance of 'Minor' Resources: Women and Plant Biodiversity. **Gatekeeper series 112**. 2003.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa de Orçamentos Familiares – POF 2002/2003. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

MACENA L., VILA. N. **Etnobotânica e a adoção de práticas agroecológicas segundo a percepção dos assentados do assentamento palmares**. Biodiversidade. v.19, n.1, 2020.

MARQUES, F. et al. As mulheres e as plantas medicinais: reflexões sobre o papel do cuidado e suas implicações. **Retratos de Assentamentos**, v. 18, n. 1, p. 155–182, 2015.

NOBRE, M. N. P. et al. **Economia feminista e soberania alimentar. Avanços e desafios**. p. 33, 2012.

PETERSEN, P. (Org.). Agricultura familiar camponesa na construção do futuro. **Revista Agriculturas: experiências em Agroecologia, AS-PTA**. 2009.

SACHS, C. E. Gendered Fieds: Rural Women, Agriculture and Environment. **Rural Studies Series**. 1. ed. Nova York: Routledge, 2018.

SILIPRANDI, E. Agricultura familiar camponesa na construção do futuro. **Revista Agriculturas: experiências em Agroecologia, ASPTA**. p.139-152, 2009.

SILVA, C. Pensar o futuro, bem viver o presente. **Cadernos de crítica feminista**, v. 5, n. 4, p. 100-111, 2011.

VASQUEZ, G. C. F. A Psicologia na Área Rural: os Assentamentos da Reforma Agrária e as Mulheres Assentadas. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 29, n. 4, p. 856-867, 2009.

VIEIRA, B. B.; MILWARD-DE-AZEVEDO, M. A. A etnobotânica e o ecofeminismo em prol da conservação ambiental. **Diversidade e Gestão**. Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 178-188, Jun. 2018.

VIU, A. F. M.; VIU, M. A. O.; CAMPOS, L. Z. O. Etnobotânica: uma questão de gênero? **Revista Brasileira de Agroecologia**, [S.l.], v. 5, n. 1, maio 2010. ISSN 1980-9735.